



Tribuna

Metalúrgica



Nº 4400 • MAIO DE 2019 • ESPECIAL 60 ANOS

JANUÁRIO F. DA SILVA



SEIS DÉCADAS DE LUTA



BILHETE DO JOÃO FERRADOR

por Wagner Santana, o Wagnão

SOMOS REFÊNS DA NOSSA HISTÓRIA

Não há outra forma de celebrar o aniversário de 60 anos do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC que não seja pensando, primeiramente, nas pessoas que tornaram possível essa caminhada, em cada companheiro e companheira que construiu, de fato, essa história de resistência.

Foram estas pessoas que fizeram deste Sindicato uma referência mundial na luta pelos direitos dos trabalhadores e, ainda além, uma entidade que conseguiu extrapolar a luta para além da fábrica, tornando-se um ator político capaz de atuar em questões e temas que interferem diretamente nas condições de vida de cada companheiro e companheira.

Celebramos esses 60 anos pensando nos trabalhadores e trabalhadoras que arriscaram suas vidas e empregos - muitos deles perderam a vida ou o emprego - em prol de um bem coletivo chamado democracia, muitas vezes expresso na luta pelo direito à livre manifestação, a trabalho e salário dignos, à liberdade.

Companheiros e companheiras que enfrentaram, primeiramente, suas chefias, no chão de fábrica, a Polícia, o Exército, e até mesmo, em alguns casos, suas próprias condições de miserabilidade para se dedicar a uma causa coletiva. Foi essa força que fez do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC uma referência também na luta contra a opressão e a ditadura.

O Sindicato não é um prédio. Ele é cada um de nós que hoje estamos nas fábricas, é cada um de nossos pais, irmãos, avós, que se dedicaram a construção da liberdade e dignidade da classe trabalhadora.

Muitas vitórias aconteceram nesse período. Ajudamos a enfrentar e derrubar o regime militar e a reconstruir uma sociedade democrática. Contribuímos fortemente para que este País discutisse o direito dos negros, das mulheres, das pessoas com deficiência, entre tantos outros setores que a burguesia faz questão de oprimir e isolar. Temos a certeza de que este tem de ser o papel do Sindicato e de qualquer organização de trabalhadores: a luta por um país igual, solidário e justo.

Pensando nas pessoas que construíram nossa história, ao celebrar estes 60 anos, temos como maior referência da nossa luta a liberdade do companheiro e ex-presidente Lula. Preso político, Lula está encarcerado, sequestrado em Curitiba por um sistema judiciário submetido aos mais obscuros interesses de uma elite que sempre foi privilegiada neste país e nunca aceitou de fato o patamar de liberdade e de direitos conquistados pela classe trabalhadora em seu governo. Por sua luta, por ter conduzido nossa categoria para a sociedade que queremos, Lula hoje é refém de sua própria vida de luta em prol dos trabalhadores e do Brasil.

Passados 60 anos, nossa luta por direitos, por igualdade, por condições dignas de vida e pela democracia continua. Lula Livre é a bandeira de todos nós porque representa e unifica a luta de cada companheiro e companheira por um Brasil dos trabalhadores (as) e para os trabalhadores (as).

Parabéns a todos nós. E muita força para continuar construindo juntos essa história.



DE 1933 A 1959: A FUNDAÇÃO DOS METALÚRGICOS DE SÃO BERNARDO DO CAMPO E DIADEMA



Desde o século XVI, as sete cidades que hoje constituem o ABC paulista estavam unidas em apenas um município: Santo André. Atraídas pelas condições favoráveis - localizado entre a cidade de São Paulo e o porto de Santos, ter a facilidade de transporte pela Rodovia Anchieta e as estradas de ferro Santos-Jundiaí, por exemplo - as fábricas começaram a chegar no início do século passado causando uma profunda alteração no cenário local e no crescimento de diversas categorias profissionais.

Deixava para trás a economia rural, que predominara até então, e dava destaque aos metalúrgicos, que no início dos anos 1930 tinham o maior número de trabalhadores na região.

A época marca ainda o começo da formação dos sindicatos oficiais no País e os metalúrgicos locais se sentiram suficientemente organizados para fundar sua própria entidade. Ela surge em 1933 com o nome de Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André e representava todos os companheiros no ABC.

Para sede foi escolhida a cidade onde hoje está localizada Santo André, pois já abrigava o maior número de empresas e trabalhadores. Nas áreas que viriam formar São Bernardo e Diadema, por exemplo, existiam apenas pequenas fábricas moveleiras e têxteis.

A ampliação do parque industrial ocorrida na década de 50 transformou rapidamente o ABC. São Bernardo passou a ter uma base metalúrgica maior do que a de Santo André após sua emancipação em 1957. Não havia mais sentido um único sindicato abranger toda a região.

Um grupo de ativistas se mobilizou para formar a Associação dos

Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema o que, pela legislação, deveria preceder à formação de um sindicato.

Lino Ezelino Carniel, primeiro presidente e sócio nº 1 do então futuro Sindicato, começou a traçar ideias com Anacleto Potomatti, Orisson Saraiva de Castro e Alcides Borsoi, também membros da primeira direção. Publicou-se edital no jornal Última Hora nos dias 27, 28 e 29 de abril de 1959 e, no dia 12 de maio de 1959, fundou-se a Associação Profissional dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas e de Material Elétrico de São Bernardo do Campo e Diadema.

A assembleia de fundação foi na sede do Sindicato dos Marceneiros de São Bernardo e contou com a presença de 71 trabalhadores na região. Mercedes, Volks, Mercantil Suíça, Varan Motores, Multibrás, Carte, Volar, Sinca e Maras, onde foi eleita uma diretoria com mandato de dois anos.

A consolidação da Associação exigiu um trabalho muito grande, marcado por inúmeras dificuldades. "Alugamos uma sede na rua Santa Filomena, 373, Centro de São Bernardo. Não havia rendimento, nem dinheiro de espécie alguma, a não ser a mensalidade que nós mesmos dávamos para pagar os 300 cruzeiros de aluguel da casa. O começo foi bastante difícil, com muita perseguição. Muitos foram dispensados, inclusive eu na Mercedes", disse Lino.

Em 26 de agosto de 1959, trabalhadores elegem durante assembleia primeira diretoria do Sindicato, tendo Anacleto Potomatti como presidente. Dois dias depois, em 28 de agosto, a ata da diretoria registrou o encaminhamento do pedido de sua transformação de Associação para Sindicato.

Tribuna

Sede
Rua João Basso, 231 - Centro - São Bernardo
CEP: 09721-100 - Tel: 4128-4200
www.smabc.org.br - imprensa@smabc.org.br

Regional Diadema
Av. Encarnação, 290 - Piraporinha
CEP: 09960-010 - Tel: 4061-1040

Regional Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra
Rua Felipe Sabbag, 149 - Centro - Ribeirão Pires
CEP: 09400-130 - Tel: 4823-6898

Diretor Responsável: Aroaldo Oliveira da Silva.
Repórteres: Luciana Yamashita e Olga Defavari.
Arte e Diagramação: Rogério Bregaida.
CTP e Impressão: Simetal ABC Gráfica e Editora

CEMPI - Centro de Memória, Pesquisa e Informação do Sindicato: Cibele Oliveira, Cinthia Fanin, Januário F. da Silva, Marcos Alexandre de Moraes e Raquel Camargo.

f /SMABC SINDMETALABC @SMABC



IMAGENS DA LUTA

FOTOS: ARQUIVO SIBRIS

1961

Paradeando pelo abono de Natal em 1961 ocupa a região central de Santo André. A categoria participa ativamente da luta que culminaria com a conquista do 13º salário a todos os trabalhadores.

1963

Plenária intersindical comemora o 1º de Maio em 1963 com conteúdo internacionalista. Em pleno auge da Guerra Fria, sindicalistas pediam paz e liberdade no mundo e fim dos ataques imperialistas contra Cuba.

1964

Sindicato figura na lista das primeiras entidades sindicais que sofreram intervenção. No total foram quatro pelo Ministério do Trabalho: 1964, 1979, 1980 e 1983. A categoria sentiu o gosto amargo das cassações e prisões das lideranças sindicais nas ocasiões.



1968

O 1º de Maio de 1968, na Praça da Sé, em São Paulo, marca a volta dos trabalhadores às manifestações de rua após o golpe militar de 1964. Os metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema enfrentaram a polícia e foram em passeata até a Praça da República.

1970

Violenta repressão cala a sociedade e aumenta a exploração dos trabalhadores, criando as bases econômicas para o chamado milagre brasileiro. Propaganda oficial procurava vender uma imagem tranquila, criada às custas do arrocho salarial e censura.

1971

Um jornal para "conversar com os trabalhadores". Foi com essa ideia que nasceu em julho de 1971 a Tribuna Metalúrgica. Neste contexto, surgiram personagens que representavam a categoria, como o João Ferrador, e seus bilhetes direcionados às autoridades do governo.



1974

O I Congresso dos Metalúrgicos define linhas gerais do movimento conhecido como novo sindicalismo e deu início ao rompimento da estrutura oficial a partir da promulgação da Consolidação das Leis do Trabalho em 1943.

1977

Explode escândalo dos índices de inflação usados para corrigir salários. Subseção Dieese do Sindicato calculou que faltavam 34,1% para zerar as perdas. A categoria inicia um grande movimento de reposição e acumula forças.

1978

Nos dias 21 e 28 de janeiro, mais de 350 trabalhadoras demonstram consciência de classe ao participarem do I Congresso da Mulher Metalúrgica. Denunciaram desigualdade salarial e assédios sofridos na época.

1978

Na manhã de 12 de maio de 1978, trabalhadores na Scania, em São Bernardo, entram na fábrica, vestem o macacão, batem o cartão e, em vez de ligarem as máquinas, cruzam os braços exigindo aumento salarial.



1979

A Sede do Sindicato fica pequena para assembleias da Campanha Salarial. A solução foi realizar encontros no estádio de Vila Euclides, atual 1º de Maio. Na primeira delas, em 1979, não havia palanque e Lula teve que falar em cima de mesas e debaixo de chuva.

1979

Em 13 de março, os metalúrgicos deflagram a primeira greve geral de uma categoria urbana na história recente do sindicalismo no País. O governo militar responde proibindo as assembleias no Vila Euclides e o paço de São Bernardo torna-se o palco de outras lutas da categoria.



HELO C. MELLO

1980

Em 1980, a categoria entra em greve. O movimento, que durou 41 dias, sofre forte repressão do governo militar. Helicópteros do Exército sobrevoam o estádio de Vila Euclides para intimidar os metalúrgicos em assembleia. O Sindicato sofre nova intervenção, a diretoria é cassada e a cidade é cercada pelas forças da repressão para impedir qualquer reunião ou manifestação. Em resposta, a categoria assiste a missa do trabalhador na Igreja Matriz, organiza uma caminhada com mulheres à frente e resolve voltar ao Vila Euclides.

1981

A organização no local de trabalho se consolida como pauta obrigatória dos metalúrgicos em 1981, tornando-se objeto de lutas. Mobilização dos trabalhadores dentro das instalações da Ford, em São Bernardo, conquista a primeira Comissão de Fábrica em uma montadora.

1982

A campanha salarial de 1982 começa sob os efeitos da política econômica recessiva do governo. A categoria era duramente castigada pelo desemprego. Os patrões tentaram aproveitar a situação e os trabalhadores se prepararam para uma luta dura.

1983

Governo militar intervém pela quarta vez no Sindicato em resposta à greve de mais de 80 mil metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema em solidariedade aos petroleiros. Trabalhadores reagem e movimento de solidariedade se espalha, fomentando a fundação da CUT.

1984

A diretoria cassada do Sindicato convoca convenção da categoria para escolher os representantes de fábrica que deveriam compor a chapa para disputar a eleição, inovando em relação aos procedimentos anteriores e avançando na democratização da entidade.

1987

A dívida externa explode nos anos 80, levando o Brasil a períodos seguidos de superinflação e recessão. O governo militar chegava ao fim deixando um ônus enorme aos trabalhadores. Campanha da CUT em 1987 defendia o não pagamento da dívida externa.

1988

Assembleia Nacional Constituinte conclui as votações da atual Constituição e consagra novos direitos graças às lutas e pressão dos trabalhadores. Além da redução de jornada, constam a licença maternidade de 120 dias, licença paternidade, 1/3 das férias pagas, multa de 40% do FGTS nas demissões e outros.



JANUARDO F. SILVA

1989

Reação covarde de policiais militares contra uma passeata pacífica foi o ponto de partida para deflagrar um dos momentos mais tensos da categoria, que ficou conhecido como Batalha de Piraporinha, após categoria rejeitar proposta dos patrões na Campanha Salarial.



ROBERTO PARIZOTTI

1990

Durante 50 dias, trabalhadores na Ford protagonizam umas das mais importantes greves da história da base, conhecida como Golas Vermelhas, em referência aos uniformes dos trabalhadores do setor de Manutenção e Ferramentaria.

1991

No ano anterior, a inflação tinha alcançado 1.198%. O Sindicato responde com o 'Acender a Chama', ato contra a recessão no governo Collor e pelo crescimento econômico. Manifestação inaugura vigílias que colocam importantes temas nacionais em debate.

1993

A Câmara Setorial da Indústria Automotiva, puxada pelos metalúrgicos do ABC, marca nova fase de intervenção dos sindicatos na vida brasileira. Trabalhadores passam a participar como atores na definição de políticas industriais, ao lado do governo e das empresas.

1994

Mais de 80 mil trabalhadores nas ruas no Dia Nacional de Luta Contra o Arrocho por um mecanismo de proteção aos salários da categoria. Parados desde à zero hora de 23 de março, companheiros saíram em passeata pelas regiões da base.

1995

O presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, aprofunda o processo de abertura da economia iniciado por Collor, colocando o País inteiramente sob políticas neoliberais. Na contracorrente, o Sindicato organiza a manifestação 'Sem Peças o Brasil não Anda'.

1996

Passeata em defesa do emprego reúne 2.400 trabalhadores, percorrendo da Brosol até a Prefeitura de Ribeirão Pires, em quase 10 quilômetros pela Rodovia Índio Tibiriçá, para denunciar a omissão do governo com a onda de desemprego.

1998

O corte dos postos de trabalho continua como um grande problema da categoria. A 'Maratona pelo Emprego' mobiliza em um só dia 40 assembleias simultâneas em portas de fábricas, 28 palestras em bairros, igrejas, escolas, carreatas e vários debates no Sindicato.



1998/1999

Trabalhadores na Ford lutam contra 2.800 demissões anunciadas pela empresa. Movimento de 45 dias coloca metalúrgicos no centro da resistência contra o desemprego. Em um dos atos, trabalhadores ocupam a fábrica exigindo trabalhar.

1999

Categoria amplia a organização sindical e elege 196 dirigentes para formar a diretoria de base dos Metalúrgicos do ABC. A proposta de ter, pelo menos, um diretor sindical em cada fábrica é aprovada durante o 2º Congresso dos companheiros entre 1996 e 1997.

2000

Metalúrgicos desencadeiam movimento em defesa da assinatura do Contrato Coletivo Nacional de Trabalho para impedir que se pague salários diferentes para o mesmo serviço. Desde então, as campanhas salariais começaram a ganhar organização nacional e, assim, continuam até hoje.

2001

Após greve contra sete mil demissões, trabalhadores na Volks aprovam acordo que suspende dispensas e garante novos investimentos na planta. Negociação feita na Alemanha aponta nova face da ação sindical diante da reorganização mundial da produção.

2003

Luiz Inácio Lula da Silva, duas vezes presidente do Sindicato durante as grandes mobilizações do final da década de 1970 e início dos anos 1980, é eleito presidente da República com mais de 30 milhões de votos. Torna-se o primeiro operário a ocupar o posto no Brasil.



Novo ambiente econômico proporcionado pelo governo federal incentiva as lutas dos metalúrgicos em sua Campanha Salarial. Acordos registram primeiros aumentos reais na categoria e rompem a lógica neoliberal que admite, no máximo, a reposição das perdas dos trabalhadores.

2004

Categoria retoma Campanha Salarial e cobra do governo federal o descongelamento da tabela do Imposto de Renda. Com essa luta, a tabela passou a ser reajustada todo ano e, em 2009, ganhou duas novas faixas de renda, aliviando o bolso dos assalariados.

2005

Centrais começam a realizar a Marcha a Brasília com reivindicações dos trabalhadores. Na segunda edição, as centrais firmam acordo que reajusta o salário mínimo pelas taxas de inflação, mais o crescimento do Produto Interno Bruto, o PIB.

2006

Disputando contra uma ampla coligação de forças conservadoras, Lula é reeleito presidente da República com quase 60 milhões de votos, 64% do total, e vence em 20 dos 27 Estados e em todas as seis faixas do eleitorado.

2007

Cerca de 400 senadores e deputados aprovam a emenda 3, que cria a figura do trabalhador pessoa jurídica. Mudança acaba com o registro em carteira, transforma trabalhadores em empresas e coloca fim a todos os direitos. Metalúrgicos do ABC participam das mobilizações que fazem o presidente Lula vetar o projeto.

2008

Mobilização consegue mais de um milhão de assinaturas para projeto de lei que cria a jornada de 40 horas semanais sem redução de salários. Categoria volta às ruas com sua bandeira histórica e acrescenta o fim do fator previdenciário a pauta.



2009

O seminário ABC do Diálogo e do Desenvolvimento coloca lado a lado trabalhadores, poder público e representações empresariais para discutir saídas para a crise. O resultado foi a elaboração de mais de 100 propostas e a rearticulação da Câmara Regional do ABC.

2009

O 6º Congresso dos Metalúrgicos do ABC define 17 setores prioritários para a atuação da diretoria. Sob o lema "50 anos de luta - Construindo um Brasil justo e democrático: emprego e trabalho decente", reúne delegados de toda a base.



2010

Sindicato lança durante abertura do 2º Congresso das Mulheres Metalúrgicas do ABC a campanha "Da licença, queremos 180", que recebe o apoio da CUT e do governo federal. Várias empresas na base aderem ao programa de imediato.

2010

A TVT, a TV dos Trabalhadores, inicia transmissões em 23 de agosto de 2010 como uma das pioneiras por priorizar a cobertura do mundo do trabalho e das lutas sociais. "Nós subimos um degrau na conquista da democracia no País", comemorou Lula no lançamento.

2015

Depois de quatro anos de luta do Sindicato, a presidenta Dilma Rousseff assina a Medida provisória que institui o Programa de Proteção ao Emprego, o PPE, com o objetivo de preservar os empregos durante períodos de crise.

2017

Após cobrança, o Sindicato passa a participar da discussão da nova política automotiva, o Rota 2030. A Direção explica a importância da participação dos trabalhadores para a indústria e os empregos do futuro.



2011

Os metalúrgicos do ABC fecham duas vezes a Rodovia Anchieta em 2011 com grandes mobilizações: pelo fim do Imposto de Renda na Participação dos Lucros e Resultados e pelo risco da desindustrialização do País e crescimento do desemprego.

2012

Acontece o 2º Encontro das Metalúrgicas do ABC. Na Legas Metal, em Diadema, mulheres voltam a ser contratadas para a produção após mais de 15 anos. A ascensão da mulher aos postos de trabalho com melhor remuneração fez parte das discussões.

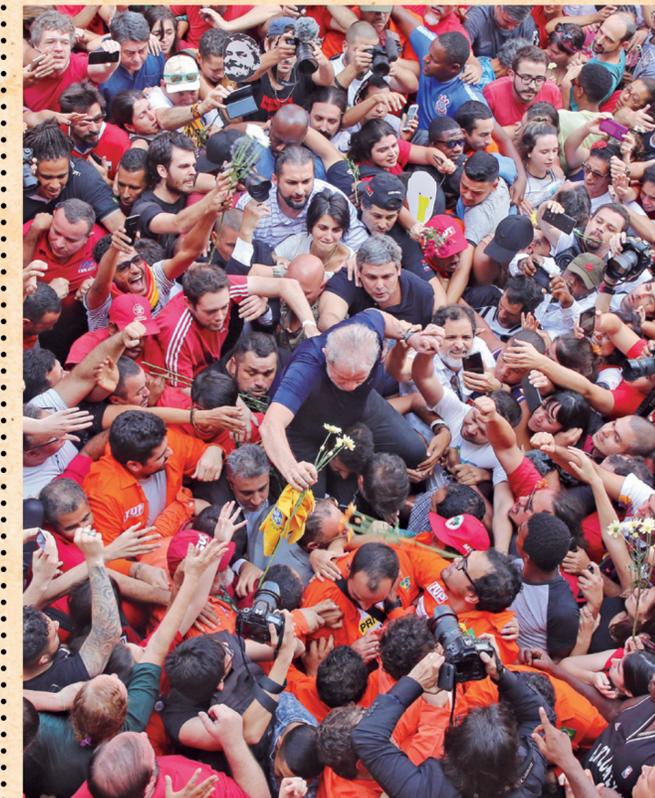
2013

Após mobilização iniciada pelos Metalúrgicos do ABC, governo isenta o pagamento do Imposto de Renda aos trabalhadores que ganham até R\$ 6 mil de Participação nos Lucros e Resultados, a PLR. Decisão beneficia 70 mil companheiros na base.



2013

Na Regional Diadema, ex-presidente Lula inaugura a Escola Livre para Formação Integral "Dona Lindu", que leva o nome de sua mãe. "Valeu a pena viver até hoje para ver isso, diz Lula ao descerrar a placa da Escola do Sindicato.



2014

Sindicato e Ministério das Comunicações assinam contrato de concessão que autoriza a TVT a instalar o canal aberto 44. Com transmissão digital em HD, ele permitirá a chegada da TVT a 20 milhões de pessoas na Grande São Paulo.



2015

Manifestação contra o Projeto de Lei 4.330, que precariza as relações de trabalho, acabou em confronto entre a Polícia e trabalhadores em frente ao Congresso Nacional, em Brasília. Cinco mil companheiros participaram do ato.

2019

Luta dos trabalhadores na Ford conquista acordo de pacote de indenização, PLR e benefícios. Mobilização em defesa dos empregos, contínua. Montadora anuncia fechamento da planta no início de fevereiro.





OS S O F R E M O S

Hoje vivemos um dos momentos mais críticos da nossa história, pois além dos desafios de defender melhores condições de trabalho e melhores salários, temos o desafio de lutar pelo futuro do nosso emprego e da indústria nacional.

O ABC e o Brasil estão sofrendo com a desindustrialização, ocasionada pela falta de uma política industrial do governo. A falta de comprometimento das esferas públicas em relação à indústria pode ocasionar a sua extinção.

Qual será o futuro da nossa região? Pois a única certeza que temos é que sem indústria o ABC não sobreviverá.

Aliado a isso, dentro da nova geopolítica da indústria, o país passa longe de ser um centro de investimento das novas tecnologias. Com essa lógica, o Brasil estará fadado a ser só um fornecedor de minérios, produtos agrícolas e energia, sem desenvolvimento da tecnologia, engenharia e inteligência, que gera

os melhores empregos com melhores salários.

Nosso Sindicato construiu diversas iniciativas e lutas pela permanência dos empregos na região. Também pressionamos os governos de todas as esferas por uma política industrial.

Além dos problemas do emprego e da industrialização, temos que refletir como será o novo sindicato.

No momento que sofremos ataques diretos à atuação dos dirigentes e da categoria, ao financiamento sindical, e à organização das nossas lutas, existe a necessidade de construir uma nova forma de atuação e da estrutura sindical.

Precisamos dar conta dos desafios da nova indústria, das novas formas de empregos e dos novos anseios dos trabalhadores.

Ainda mais agora que a democracia está em risco, pois a cada dia perdemos a autonomia no local de trabalho, a democracia

econômica e estamos chegando ao momento de, se não cuidarmos, perderemos a democracia política.

Outro desafio é a constituição de um Contrato Coletivo Nacional por meio da Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT, a CNM-CUT. Para além disso, a constituição de uma Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria, por meio do macrossetor da indústria da CUT.

A geração que agora chega às fábricas, juntamente com aqueles que construíram toda essa nossa história, tem a obrigação e a necessidade de refletir sobre esses desafios e não deixar essa categoria morrer nem física nem historicamente.

Os desafios são muitos, mas a nossa vontade de construir juntos um país e um mundo mais justo, mais igualitário e mais solidário nos permitirá seguir adiante. Essa história não acabará aqui. Vamos encarar como sempre encaramos, com muita luta, mobilização e organização.